

O PESCADOR

A Graça Aranha

E além, na mata, cantava,
Dolentemente, a cauã;
Ia o sol, depois voltava,
Mas ele não voltou mais
Da ponta do Tarumã.

TELES DE SOUZA: *A Iara*

MADRUGAVA. Nascia a lua. O mar clareava aos poucos. Na crista arrugada das ondas vagarosas a luz joeirava cisalhas de prata. A praia clara recurvava-se entre duas finas e avançadas pontas, arenosa, sem rochas, onde as vagas adormeciam, gemendo, num grande espreguiçamento branco. Para o poente, vultos de coqueirais, batidos do vento, destacavam-se negros no céu estrelado. Nas dunas desertas e tristes apontoavam a brancura da areia mirradas moitas de pinhão bravo; de quando a quando coleavam salsas rasteiras como serpentes enormes. Ao norte, uma das pontas de terra que longamente enfiava pelo oceano terminava em rochedos escuros, aqui dispersos, ali quase igualmente intervalados à guisa de giganteadas alpondras: e por sobre eles, flava, fulgurante, bocejava a intercadências a lanterna benéfica dum farol.

Ao fundo de pequena chanfradura, entre morros e mangues, o Pacoti rosnava, derramando o seu tributo de águas doces da terra nas salsas águas do oceano. Todos os rumores dos matos, das águas e dos bichos notívagos diluíam-se na noite enluarada. Um eflúvio dormiente desprendia-se dos cajueirais floridos e fecundados, errava na face da terra uma canseira, um quê de sutil que impelia à modorra, ao sono e à preguiça. Tudo foi clareando mais e mais. Depois a lua resplandeceu alta e uma refulgência prateada, com uns raros tons de azinhavre, derramou-se por sobre as cousas.

Na sua choupana pobre, o Pedro Jojó pôs o uru a tiracolo, enrodilhou a tarrafa no braço, segurou ao cinto a quicé afiada e dispôs-se a partir para a pescaria, que já remontavam os peixes em cardume a correnteza do rio com a maré enchente. Levou a mão à rude porta de talos de carnaúba presos por embiras e escancarou-a largamente ao vento e ao luar. A mulher, porém, erguendo-se da rede, adiantou-se, pegou-lhe o braço, olhou a noite clara e depois dum momento:

— Estás ouvindo?

O Pedro escutou. O vento dava nos coqueiros; cães ladravam ao longe; toda a quietude do luar era cheia de mistério. Um ruído de tarrafa atirada e recolhida, batendo n'água, espalhando círculos concêntricos, marulhosos, chegou-lhe aos ouvidos.

— Quem andarás pescando na barra? perguntou a esmo, apreen-sivo.

Escutou mais. O ruído continuava, espaçado e lento. Enraiveceu-se:

— Pode estragar a pescaria de tainhas. O rio é de todos. Mas, por favor, não mexa nos meus jererés e nos meus anzóis de espera, senão temos barulho grosso!

Deu um passo para fora, aconchegando ao cinto a quicé mal segura. A mão da cabocla prendeu-lhe mais o punho grosso e ela, triste e pressaga, aconselhou:

— Se eu fosse você, não ia pescar hoje. Não é gente que anda pescando na barra. É o pescador encantado, uma alma que anda cumprindo o seu fado. Meu pai contava muitas estórias⁸ dessa viagem. Você não sabe dele, porque veio do sertão, está na praia há pouco tempo. Mas eu sou da praia, meu pai era da praia e meu avô era da praia. Desde menina ouço contar que esse pescador é mau e governa as águas e os peixes do rio. Não vá hoje, Pedro, não vá!

Os olhos rasgados umedeceram-se. O seio palpitou nos bordados grosseiros do cabeção da camisa. Segurou com mais força o braço do marido. O mestiço teve um gesto de incredulidade. Deteve-se, no entanto, ante aquela emoção forte e disse com interesse:

— Tola! Conta que pescador é esse!

Ela encostou-se mais ao seu peito robusto e prosseguiu:

— O pescador é na praia o que o caipora é no sertão, mau como ele e perverso como a mãe-d'água que aparece na lagoa da Precabura. O caipora é o dono da mata e o senhor da caça; ele é o senhor do rio e o dono dos peixes. É escuro como a sombra das ramarias de mofumbo, tem os braços longos e retorcidos como as raízes dos mangues, ruge baixo como a correnteza quando se enfia no mar; seus olhos são da cor das águas e seus cabelos verdes como o lodo. Surge da lama das margens com a tarrafa no braço, toma vulto nos raios brancos do luar, desliza silencioso como o guaia-mum pela praia. Tem em si o perigo dos poços profundos, dos atoleiros traidores e dos balseiros que descem o rio cheio, com força para levar um homem. Defende as águas e defende os peixes. Umas

⁸ Ao longo do texto, mudaremos em *estória* a palavra *história* no sentido de coisa que se ouve contar, sem documento probatório.

são sua moradia e não quer que as turvem; os outros são suas riquezas e não quer que as roubem. Entra calado pelo rio. Se encontra jererés, quebra-os; landuás, despedaça-os; anzóis de espera, arrebenta-os. Corre atrás dos pescadores atrevidos, pega-os pelos pés e afoga-os. Mata-os às vezes de surpresa. O caipora amansa-se à vista do fumo. O pescador acalma-se à vista da cachaça. Ele sente frio, tiritia como um tarrafiador de madrugada, em agosto. Meu pai que era pescador velho nunca deixou de levar cachaça no uru. Ai de quem não a tiver e topa cara a cara com o dono do Pacoti!

O Pedro ficou pensativo. O luar sereno clareava tudo. O ruído insistente da tarrafa não descontinuava. Uivos de raposa, ao longe, demoravam sinistramente no ar. A mulher passou-lhe os braços ao pescoço taurino, pendurou-se nele, quase lacrimosa, oferecendo a boca vermelha na tentação amorosa dum beijo. Estava convencida da existência daquele pescador de lenda, consubstanciação dos perigos das pescarias noturnas. Queria reter o marido. Fazia-lhe medo e oferecia-lhe amor. Mas as linhas duras do perfil do mestiço não se abrandaram. O sertanejo emigrado guardava na alma a teimosia da sua ascendência de lutadores contra a seca. Afastou-a vagarosamente de si. Cerrou os olhos um instante. Depois, com um tom vagaroso e seguro, como se armazenasse no ímo toda a longa resignação dum povo, todo o fatalismo de gerações sucessivas, indolentes, apagando-se numa quase astenia de desesperança, dúvida e indiferença:

— Pode ser verdade; mas que se há de fazer? Vou. Se escapar escapei e vi a tal visagem; se não, morro — acaba-se tudo. Quando chega a vez, ninguém escapa. Acredito lá em certas cousas. Só vendo. Preciso ver!

Continuou, a voz mais larga, cúpido, alegrando-se ante perspectivas favoráveis:

— Talvez seja um morador do outro lado que anda pescando, ou alguém lá do Trairi que desceu o rio até a barra. Pode não ser o tal pescador. A noite é de luar e a maré de pesca. Está tão claro; o rio e o mar estão tão mansos. Os jererés devem estar cheios de golosas, peçados os landuás de siris, os anzóis de espera com a linha esticada às mussicas dos carapicus. É noite de fartura!

Sacudiu à boca uma felpa de mapinguim.⁹ Mascou-a. Circulou o olhar pela noite calma e partiu. A cabocla ficou encostada, resignadamente, à ombreira. Ao sumir-se o marido, distante, numa curva do caminho, entre moitas, rompeu num choro e, cheia a alma humilde e crente de terrores fortes, gritou:

⁹ Tipo de fumo de rolo, de qualidade especial, para o gosto dos mascadores, geralmente gente humilde dos sertões nordestinos.

— Pedro! Pedro!

O eco respondeu o grito esganiçado. Um cão ladrou alto para o lado das dunas. Vinham da praia pios de maçaricos noturnos, mariscando nas poças, ao luar.

O Pedro Jojó entrou sob um cajueiral. O escuro das ramadas, fechando no alto, em abóbada, pesou-lhe n'alma. Lembrou-se sem querer da estória do pescador e do medo da mulher. Ela era da praia e sabia das cousas dali. Teve um ímpeto de retroceder, uma saudade da rede macia e da sua palhoça hospitaleira. Parou. Petiscou lume, acendeu o cachimbo de raiz e continuou. Eram abusões. Nunca vira o caipora, por que havia de encontrar o tal pescador?

De novo ao luar, na estrada branca e larga, tudo esqueceu. Não ouvia mais o tarrafiar do fantasma. Somente o vento chiava nas palhas dos coqueiros. Meteu-se pelos mangues lodentos, onde os troncos das árvores nasciam de raízes fora da terra. A vereda torcia-se entre aquelas pernas pegajosas e cabeludas, coleantes, negras, erguendo-se em curvas sinistras, algumas luziam como ossadas, batidas de raios do luar que atravessavam a ramaria, transfundindo-se. As árvores pareciam descansar sobre aranhas imóveis. E os cabelos se arrepiariam só de imaginar que aquela floresta comesse a andar com o ruído seco das articulações casando-se ao mole som do enterrar das curvas patas no fofo lamaçal... O chão escorregadio e sujo pegava-se-lhe às solas dos pés nus. Corriam crustáceos com as patas arreganhadas em defesa. Outros paravam nas luras, espreitando, mexendo os olhos pontudos. Todo o mangue fervilhava duma vida que saía do lodo e que se arrastava no limo. Guaiamuns, caranguejos, siris, aratus, grauçás, mãos-no-olho enxameavam nas buraqueiras profundas. Naquele cenário, a imaginação do Pedro recordou-lhe os conselhos da mulher. Teve outro gesto de desânimo. Mas a vergonha de voltar impeliu-o para diante. Apressou o passo.

Entre medroso e arrepiado afastou os ramos dos arbustos à margem alcantilada do Pacoti. Fechou os olhos desacostumados da claridade no escuro do tremedal que atravessara. Abriu-os depois e uma serenidade se lhe espalhou nos traços. O rio corria plácido. Além dos mangues, as dunas branqueavam, luzindo como prata repolida. A correnteza faiscava tocada pelo luar. Tainhas cor de prata que a remontavam em cardumes, acossadas de peixes maiores, saltavam fora d'água, rebrilhando com a rapidez de fagulhas. Sorriu. Preparou a tarrafa e entrou n'água, cortando-a apressado, com frio. Afastou-se da margem, examinou a força da maré que subia e da corrente que ainda se esforçava por descer. Voltou. Apalpando os hervanços e as salsas tombadas para dentro d'água, começou a procurar os jererés. Deu com um. Tirou-o. Mirou-o à luz. Estava com as malhas rotas. A primeira idéia que teve foi dum peixe grande que o tivesse

rompido no esforço de soltar-se. Atirou-o longe, com raiva. Somente os instintos de pescador tinham despertado aquela contrariedade. Depois é que veio a lembrança do que a mulher contara. Passou o olhar inquieto em torno. Nada viu além da placidez da noite e nada ouviu além do gemido das águas.

Apalpou novamente as ervas úmidas, tateou os festões gotejantes. Outra armadilha, um landuá quebrado ao meio. Arrepiaram-se-lhe os cabelos. Veio-lhe à mente tudo o que a mulher contara. Febril, estonteado, na ânsia de certificar-se, desejando ao mesmo tempo um desmentido, procurou os outros instrumentos de pescaria. Todos tinham sido partidos ou rasgados por maldosas mãos. Parecia que peixes grandes tinham rompido as malhas dos jererés e que a correnteza forte levara os anzóis presos aos arbustos da margem. Mas não. Nem andavam peixes grandes pela beira do rio, nem as iscas dos anzóis ofereciam resistência à correnteza, bastante para que ela os levasse. Fora o pescador fantasma, não tinha mais dúvidas... O frio da água subiu-lhe pelas coxas até o peito. Estremeceu todo. Endireitou o busto, frente para o rio claro, mão no cabo da quicé...

A luz descia sobre as águas como um grande manto dum branco misterioso. Tudo, água, céu, dunas, tudo era branco, tudo refulgia. Açaparrados, os matagais quedos e sombrios avultavam como grandes manchas negras. O vento arrumava nuvens pelo céu e enrugava as águas pela terra. Diante do mestiço, na refulgência doce do luar, foi-se erguendo um vulto que saía das águas. Ao princípio foi uma mancha de nevoeiro, depois definiu-se, tomou os contornos duma figura humana. O Jojó batia os queixos, horrorizado. O vulto deu um passo em frente. Entrado de pavor, o Pedro quis fugir. Fez um esforço, atirou-se para a praia. Mas sentiu uma pancada forte na perna; mão robusta pegou-lhe os tornozelos, dilacerando-os com as unhas. Solto um grito horrível, estrangulado:

— Socorro!

Do plumacho dos arbustos, espantados ao grito, voaram caburés. Morcegos voltearam pelo ar. Caiu de bruços com um gemido surdo, reboleou-se na lama, afocinhando-a, espadanando água em gotas lucentes. Ainda algum tempo estremeceu. A água turvada borbulhava-lhe em torno. Depois aquietou-se. Ficou estirado, os pés boiando, a cabeça atolada, abarreirando ao longo do corpo garranchos e hervanços flutuantes.

Pelo ar, muito alto, passaram marrecas em filas, piando. Distante, galos começaram a cantar. Os contornos das cousas foram ficando mais nítidos. O dia rompeu por fim, fulvo e sangrento, numa explosão brutal de luz. O mistério do luar apagou-se com o dia. À sua luz branca ou esverdinhada sucederam todos os tons do oiro. Guaxinins e raposas recolheram-se às tocas. Tatalaram rolas nos capinzais

e o canto alto das graúnas vibrou na doçura da manhã. A floresta era toda verde, o rio barrento não a refletia. Adiante, além duma volta, por sobre a areia amarelaça duma praia, quebravam-se as espumas alvas das verdes ondas do Atlântico.

A maré vazava. O seu rugido enfraquecia aos poucos. Diminuíam as águas da barra do Pacoti. E na lama da margem, túmido, empastado de lodo, com água até o peito, cercado de caranguejos, bicado de peixes, o cadáver do Pedro mostrava na contorsão horrível do corpo a intensidade do seu pavor.

Mais alto já, o sol ia doirando tudo...

Por sobre as dunas, vinha um grupo de pescadores, acurvados ao peso das quimangas e das poitas, em demanda da praia e das jangadas de pesca que lá os esperavam. Andavam apressados, conversando alto, cantando trovas por vezes. Àquelas quadras poéticas, soltas em voz larga e queixosa como um gemer de violas, todos baixavam a cabeça num desalento aparente que era somente a nostalgia contemplativa e indolente da raça. Perto do rio, um aventou, bem triste:

— Era tão bom se nós tivéssemos uma viola. Nas “trinta e três”,¹⁰ com o tauaçu no fundo, até a gente se divertia, enquanto as garoupas fossem mordendo o anzol.

Outro, mais velho, atalhou logo:

— Quem já viu cantoria em jangada? O mar não gosta de alegrias. Então de noite, credo! De noite o mar é mais traiçoeiro e mais triste do que de dia.

Um outro interveio:

— O mar é sagrado. É vivo. É a única água que se bole por si. Eu não o acho traiçoeiro; acho-o até paciente e bom. Lá uma ou outra vez zanga-se, mas quanto tempo deixa a gente viajar por cima dele!

Riu, soltou um muxoxo e cantou alto:

Quisera ser encantado,
Menina, p’ra te roubar,
E te deixar escondida
No fundo escuro do mar.

Calou-se, depois continuou:

— Dizem que o mar tem perigos. Estórias! O vento é quem os faz. Tudo fazem os outros, o vento, a noite, e dizem que é ele quem faz os perigos...

¹⁰ “Trinta e três” significa, na linguagem dos jangadeiros navegadores de jangadas maiores, as trinta e três braças de fundo, o mar alto e sereno, propício à pesca, com anzol, de peixes de maior porte.

Já na margem mimosa do Pacoti, outro falou, demorando no ar o tom quente de sua voz moça:

— Perigos? Perigos há em toda parte, na terra e no mar, nas praias e no sertão, na floresta e no rio. São os temporais, os atoleiros, as cobras, as feras, os peixes maus, os bichos venenosos da água, a mãe-d'água, o caipora e o pescador. . .

Todos benzeram-se a esse nome que acordava o seu terror. Atravessaram o rio. Deram com o cadáver ao sair do outro lado. Rodearam-no com espanto. Pensaram logo que fosse um bêbado. Viram-lhe, porém, a tarrafa no braço e o uru boiando, preso a tiracolo. Reconheceram o Pedro Jojó. Ergueram-no pelos braços. De em torno fugiram cardumes de piabas e gargarus. Deu-lhes trabalho desprenderem-lhe os pés dum balseiro que neles se emaranhara. Um até lembrou ter sido aquela galhada que o derrubara, batendo-lhe nas pernas com a força da corrente. Mas o jangadeiro velho interrompeu-o:

— Ontem foi sexta-feira e noite de lua. Nunca vi tanta raposa e tanto guaxinim a gritar! Os galos cantaram pouco. Foi noite de burras-de-padre e de lobisomens. Pela porta lá de casa passou uma mula-sem-cabeça que ia danada. Ia numa carreira desbocada. A cachorrada dava-lhe nas pernas. Era uma zoeira medonha. Eu e a mulher nos encolhemos nas redes. Os meninos desandaram a chorar. Mais tarde, quase madrugada, ouvi um grande grito. Talvez fosse assombramento do Pedro. . .

Calados, todos pegaram o cadáver e entraram de caminhar pelos mangues sinistros.

O sol doirava tudo.

E desde esse dia nunca mais pescador algum se atreveu a entrar no Pacoti, quando pelo luar suave e casto ecoa o ruído da tarrafa misteriosa do Senhor do Rio.